



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE CIÊNCIAS HUMANAS  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**ELIAS PEREIRA DE BARROS**

**O IMPACTO SOCIAL E ECONÔMICO EM SANTARÉM – PARÁ COM A  
INSTALAÇÃO DA FÁBRICA TECEJUTA**

**Santarém – PA  
2022**

**ELIAS PEREIRA DE BARROS**

**O IMPACTO SOCIAL E ECONÔMICO EM SANTARÉM – PARÁ COM A  
INSTALAÇÃO DA FÁBRICA TECEJUTA, (1951 – 1990)**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Programa de Ciências  
Humanas para obtenção de grau de  
Licenciado em História; Universidade  
Federal do Oeste do Pará, Instituto de  
Ciências da Educação.

Orientadora: Luana Sullivan Bagarrão  
Guedes

**Santarém – PA  
2022**

**ELIAS PEREIRA DE BARROS**

**O IMPACTO SOCIAL E ECONÔMICO EM SANTARÉM – PARÁ COM A  
INSTALAÇÃO DA FÁBRICA TECEJUTA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Programa de Ciências  
Humanas para obtenção de grau de  
Licenciado em História; Universidade  
Federal do Oeste do Pará, Instituto de  
Ciências da Educação.  
Orientadora: Luana Sullivan Bagarrão  
Guedes

Conceito:

Data de aprovação \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Luana Sullivan Bagarrão Guedes – Orientadora  
Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA

---

Titulação -Membro  
Nome da Instituição

---

Titulação -Membro  
Nome da Instituição

---

Titulação -Membro  
Nome da Instituição

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas (SIBI) da UFOP  
Catalogação de Publicação na Fonte. UFOPA - Biblioteca Unidade Rondon

Barros, Elias Pereira de.

O impacto social e econômico em Santarém - Pará com a instalação da fábrica Tecejuta / Elias Pereira de Barros. - Santarém, 2022.

32fl.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia). Universidade Federal do Oeste do Pará-UFOPA. Programa de Ciências Humanas. Licenciatura em História.

Orientador: Luana Sullivan Bagarrão Guedes.

1. Juta. 2. Tecejuta. 3. Santarém. I. Guedes, Luana Sullivan Bagarrão. II. Título.

UFOPACampus Rondon

CDD 330 23.ed.

Elaborado por Selma Maria Souza - CRB-2/1096

Dedico este trabalho a minha família, em especial minha esposa, Lília dos Santos Fernandes, que no decorrer dessa longa caminhada soube compreender minha ausência ao longo desse percurso, a minha filha Emelly Cristina dos Santos Barros, e em memória de minha mãe Daria Pereira de Barros e de meu pai Nilo Carvalho de Barros, que em vida lutaram para nos dar ensinamento e educação, mesmo sem terem o domínio do saber da escrita, souberam educar todos os filhos.

## **AGRADECIMENTOS**

À professora doutora Luana Sullivan Bagarrão Guedes, pela oportunidade de dar acesso aos ensinamentos e, pela proveitosa interlocução ao longo do processo de elaboração deste estudo, e à escrita deste TCC.

À Universidade Federal do Oeste do Pará, a qual simboliza um profundo saber no Oeste paraense.

Ao Programa de Graduação da Universidade Federal do Oeste do Pará, sem o qual eu não poderia alcançar este grande objetivo da minha vida.

A todos os professores doutores e mestres do Curso de História e demais áreas pela substancial contribuição à minha formação acadêmica.

Aos colegas graduando da turma de 2017, pelo companheirismo desfrutado ao longo dos anos de estudos que tivemos juntos.

A todos os ex-trabalhadores da TECEJUTA, que colaboraram com este trabalho de conclusão de curso TCC, rememorando nas entrevistas, suas histórias de trabalho e companheirismo entre si, na fábrica.

Ao Instituto Cultural Boanerges Sena (ICBS), onde pude encontrar os jornais e revistas em que pesquisei. Todas as vezes que lá estive, fui muito bem recebido.

A todos, agradeço profundamente.

## RESUMO

O trabalho aqui esboçado se propõe a refletir acerca da Companhia de Fiação e Tecelagem de Juta em Santarém, a TECEJUTA. Empresa que atuou no beneficiamento de fibras naturais como a juta e malva, para produção de sacaria do café. Foi pioneira na região e trouxe consigo o desenvolvimento ao Baixo Amazonas, exercendo suas funções por mais de três décadas. Com a pesquisa, transitou-se por diferentes cenários como as ações de Kotaro Tuji para aclimatação da fibra na Amazônia e no Baixo Amazonas, assim como seu caráter político nas negociações dos incentivos federais a implantação da TECEJUTA. A metodologia do trabalho se baseia na história oral realizadas com ex-funcionários da fábrica e, em uma revisão bibliográfica e análise historiográfica pautada em revistas, e artigos científicos, porém, com limitada bibliografia relacionada ao tema, o que causou maior ambição a pesquisa. Autores como Daniela Tristan, Lucio Flavio Pinto, Elivaldo Macedo, Régine Dhoquois, Scott William Hoefle e Edward Palmer Thompson, ajudaram nesta pesquisa.

**Palavras-Chave:** Juta. Tecejuta. Santarém.

## **ABSTRACT**

The work outlined here proposes to reflect on the jute weaving spinning company in Santarém, TECEJUTA. The company that worked in the processing of natural fibers such as jute, for the production of coffee sacks. It was a pioneer in the region and brought development to the Lower Amazon, exercising its functions for more than three decades. With the research, we moved through different scenarios such as the actions of Kotaro Tuji for the acclimatization of fiber in the Amazon, and Baixo Amazonas, as well as his political character in the negotiations of federal incentives for the implementation of TECEJUTA. The methodology of the work is based on the oral history carried out with a former employee of the factory, in a bibliographic review and historiographical analysis based on a magazine, and scientific articles, however, with limited bibliography related to the theme, which makes the research more ambitious. Authors such as Daniela Tristan, Lucio Flavio Pinto, Elivaldo Macedo, Régine Dhoquois, Scott William Hoefle and Edward Palmer Thompson, helped in this research.

**Keywords:** Juta. Tecejuta. Santarém.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>1. O PROJETO DA JUTA NA AMAZÔNIA.....</b>	<b>12</b>
<b>2. TECEJUTA: A GRANDE INDÚSTRIA APORTADA EM SANTARÉM.....</b>	<b>15</b>
<b>3. A ENERGIA ELÉTRICA COMO UM PROBLEMA .....</b>	<b>16</b>
<b>4. O CHÃO DA FÁBRICA: A LOCALIZAÇÃO E O TRABALHO.....</b>	<b>18</b>
<b>5. MÃO DE OBRA FEMININA EMPREGADA AO PROCESSO DE FIAÇÃO.....</b>	<b>22</b>
<b>6. REVIVENDO O PASSADO.....</b>	<b>24</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>30</b>
<b>FONTES ORAIS.....</b>	<b>32</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>32</b>
<b>PERIÓDICO.....</b>	<b>33</b>

## INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como proposta apresentar o resultado de uma pesquisa histórica sobre a indústria instalada no interior da Amazônia, em Santarém, no estado do Pará, a Companhia de Fiação e Tecelagem de Juta. A TECEJUTA foi uma empresa de grande porte para os padrões da região, pois, tiveram todos os contratempos para a sua não instalação devido à grande falta de infraestrutura que a cidade de Santarém apresentava e, principalmente no que se referi ao sistema elétrico na cidade na década de 1950. A presença da fábrica no cenário urbano da cidade e sua contribuição para o desenvolvimento socioeconômico de Santarém e região, não somente em relação aos seus funcionários como também para os moradores da cidade, tendo beneficiado, de certo modo, a cidade de Santarém com a criação de emprego à população e o fomento do comércio local e circunvizinho, criando novos empregos, tanto direto quanto indireto.

Tornando-se a maior empregadora da região do Baixo Amazonas, a TECEJUTA em seu auge chegou a empregar em torno de 900 funcionários, seu contingente operário variou de 700 a 1.200 funcionários ao longo de sua existência. No decorrer de seus anos de funcionamento, a qual era voltada a fiação e tecelagem de fibras naturais, a empresa conseguiu se estabelecer, crescer e manter-se no mercado, com o beneficiamento de produtos de origem vegetal, como a juta e também a malva. Com a instalação da fábrica, o município de Santarém passa a ser visto no cenário nacional, fruto desse projeto audacioso que um grupo de empresários japoneses e brasileiros instalaram na região Oeste paraense na década de 1950.

A produção de juta já era uma realidade na Amazônia e, desde 1930 esse produto vinha sendo exportado. O objetivo do grupo empresarial era fazer o beneficiamento desse produto no local de sua extração, com o intuito de uma maior lucratividade, como apontou Tristan em sua pesquisa 2016.

Essa pesquisa procurar entender o impacto social e econômico que Santarém teve com a instalação da fábrica, de 1951 a 1990, deu sustentação economicamente ao município, ao Estado e também ao Brasil. Foram 4 décadas marcadas por transformações profundas na dinâmica econômica e social da região, e isso colaborou com o processo de desenvolvimento regional.

. Esse projeto da juta na Amazônia, trouxe benefício a região?

. Será que foram apenas benefícios que a TECEJUTA trouxe aos seus funcionários?

. Quais eram outros problemas enfrentados pelos empresários para a implantação da fábrica, além da energia elétrica?

. Como sentiam - se esses trabalhadores no chão da fábrica?

. Quem eram essas mulheres e homens empregados nesse processo industrial?

. Quais sentimentos esses ex-operários sentem, ao reviverem seu passado na fábrica?

Para isso utilizamos como fontes, artigos científicos, revistas como também entrevistas com antigos funcionários da fábrica.

O período histórico abordado vai de 1951, onde se dá o lançamento de todo o planejamento para o início desse projeto que é a construção do prédio da TECEJUTA, e vai até 1990, onde se deu o encerramento das atividades. Vale apenas ressaltar que foi somente em 1965, que a TECEJUTA, começou a funcionar, levando mais de uma década para a conclusão de sua construção.

O interesse pela referida pesquisa se deu devido à pouca quantidade de trabalhos acadêmicos voltados a TECEJUTA, sendo este, o maior empreendimento do Baixo Amazonas na década de 1950, onde se observou que grande parte da documentação pertencente ao tema, encontrava-se em textos jornalísticos, revistas, e até por meio de relatos de pessoas que viveram o momento, ou lhe foram repassados. Acredita-se que este trabalho de pesquisa venha contribuir para que outros venham a surgir, e com isso, possamos enriquecer ainda mais a história de nosso município. Desta maneira, espera-se que outras pessoas possam também pesquisar e contribuir com a memória da cidade, para que mais pessoas venham a ter conhecimento das dinâmicas econômicas e sociais do município de Santarém a partir da década de 1950.

Outro fator que contribuiu para definição da linha de pesquisa foi o contato com a Dissertação de Mestrado da Daniela Rebelo Monte Tristan (2016), que auxiliou numa observação mais ampliada acerca da análise do tema.

E, para isso, iremos fazer um debate apresentando o método a seguir, este artigo está estruturado em seis tópicos. No primeiro tópico, vamos apresentar, um pequeno resumo sobre a borracha, que foi a mola propulsora para a entrada da juta na Amazônia, e em sequência vamos aprofundar sobre a participação nipônica no

Amazonas, e sua ação fundamental e seus desdobramentos na produção da juta, que auxiliam a entender de que forma se deu a chegada da juta no Vale Amazônico, sendo o Sr. Kotaro Tuji, o grande incentivador da implantação da fibra. Veremos também como se deu todo o processo de aclimatação do vegetal.

No segundo tópico, mostraremos como se deu a chegada da TECEJUTA em Santarém, com o objetivo de industrializar a juta em seu próprio espaço de produção, sendo que a empresa foi criada com o objetivo de realizar o processamento da juta e transformá-la em sacaria na própria região produtora da fibra. Faremos apontamentos acerca do cenário vivido à época, destacando o papel do lado político, e figuras que auxiliaram no estabelecimento da TECEJUTA em Santarém.

No terceiro tópico, apresentaremos o grande problema da falta de Energia Elétrica, pois a cidade contava com um sistema elétrico bem precário e deficitário. Após a TECEJUTA ter instalado seus próprios geradores de energia, passa a fornecer energia elétrica ao município, por um período de 4 a 6 horas diárias em horário noturno, isso antes de entrar em pleno funcionamento. De certo modo, essa ação mostra o quanto a fábrica TECEJUTA foi relevante ao município de Santarém, desde sua fundação já começou a trazer benefício ao município.

No quarto tópico, discutiremos o chão da fábrica, a localização e o trabalho, o novo projeto traz consigo um remanejamento a cidade, que passa contar com novos habitantes, os quais tornaram-se funcionários da fábrica, estes sendo antigos pescadores, carregadores, trabalhadores rurais, lavadeira, entre outros, todos vindo da lida braçal, e seus primeiros contatos com as máquinas industriais foi na fábrica TECEJUTA. Estes trabalhadores não tiveram experiências diferentes dos demais trabalhadores da indústria fabril brasileira, ou seja, seus aprendizados foi na prática, no chão da fábrica, assim trazendo consigo o desenvolvimento econômico com esses novos postos de trabalho a região.

No quinto tópico, buscamos apresentar a mão de obra feminina empregada no processo de fiação, que passou a trabalhar em horários tidos como nada convencionais para o período, o que, de certo modo, causou uma grande “excitação” na cidade. Diante deste fato, a sociedade santarena nos anos 1960 a 1980, não era diferente do restante do Brasil: uma sociedade machista que não admitia que as mulheres trabalhassem fora da extensão de seus lares, neste caso, as mulheres que trabalhavam na fábrica, eram vistas como mulheres de “má índole”, de “má reputação” e, as qualificavam como mulheres de “vida fáceis”, “prostitutas”. Estas mulheres

operarias ainda tinham um agravante contra elas que era o fato de trabalharem no mesmo ambiente que os homens, e isso essa sociedade não via com bons olhos.

E no sexto tópico, iremos apresentar algumas entrevistas realizadas com ex-funcionários da fábrica, procurando mostrar as dificuldades enfrentadas por estes trabalhadores. Em seus relatos aparecem diversos tipos de complexidades, chegando até o fato que, existiram acidentes, como também, mutilações nos operários.

As fontes orais foram de suma importância para nosso trabalho, e contribuíram fundamentalmente para a elaboração desta pesquisa. A história oral vem se estabelecendo como opção metodológica para o entendimento dos questionamentos da memória, cultura e identidade dos sujeitos. As fontes orais nos mostram caminhos diferentes das fontes escritas, para um melhor entendimento, Portelli esclarece que “as fontes orais dão-nos informação sobre o povo iletrado ou grupos sociais cuja história escrita é ou falha ou distorcida” (PORTELLI, 1997, p. 27). Foram realizadas 6 entrevistas com ex-funcionários da fábrica. As entrevistas foram realizadas nas residências dos ex-operários da fábrica TECEJUTA. Estas narrativas nos dão uma dimensão de como eram as atividades laborais na fábrica, àquela época. Por motivos de ética, iremos utilizar nomes fictícios aos nossos entrevistados.

## **1. O PROJETO DA JUTA NA AMAZÔNIA**

Em meio ao cenário vivido na Amazônia no início do Século XX, passados os momentos do “auge” do período da Borracha, passou a contar com o enfraquecimento de sua principal commodities, que era obtida da extração do látex das seringueiras, considerada a bomba motriz da economia. Seu declínio ocorre do contrabando das sementes e mudas das seringueiras ao oriente (Ásia), que passa a produzir e comercializar a matéria-prima numa quantidade bem maior, assim com um valor bem abaixo do praticado ao produzido no vale amazônico (MACEDO, 2002).

Conforme Macedo (2002), houve um processo de inversão, pois, a Juta que possui sua origem no Oriente, encontrou terreno fértil na Índia, na bacia do rio Ganges onde foi explorada e beneficiada durante séculos. O clima, solo e região alagada propiciava o seu desenvolvimento, assim como a mão de obra barata e abundante ali presente. O japonês Kotaro Tuji, que estudava na Universidade de Kobe, e costumava visitar seu antigo Mestre de Escola primária o Senhor Sentaro Okuda, que certa vez lhe transmitiu entusiasmado o cultivo da Juta na Índia, ressaltando que o Japão nos anos de 1923 a 1926, tinham obtidos lucros exorbitantes com a indústria de fiação e

tecelagem, onde trabalhava. Tuji observava atentamente as explicações de seu mestre, pois mantinha o interesse em morar no Brasil, e supunha encontrar o mesmo ambiente ou parecido ao indiano.

No ano de 1928, Tuji foi nomeado professor da Universidade de Kobe, e devido ao seu declarado interesse pelo Brasil, foi destacado pelo Ministério da Educação de seu país para observar a situação econômica dos imigrantes japoneses, e assim o fez. Dentre sua observação, conheceu vários Estados como São Paulo, Santa Catarina, Minas Gerais, Mato Grosso, Maranhão, Pará e Amazonas, cumpria com a missão de verificar a situação econômica dos imigrantes, assim como fazia a sondagem para o estabelecimento a plantação de Juta no País. Dentre seus experimentos iniciais, foi destacado na Cidade de São Paulo, onde se constatou que o cultivo e a plantação da Juta fracassaram, devido ao seu baixo desenvolvimento, ainda foram realizadas outras tentativas em cidades do Estado de São Paulo, que se tornaram infrutíferas (MACEDO, 2002).

O senhor Tuji, no ano de 1929, veio ao Estado do Pará, onde visitou a Fábrica “Perseverança”, que beneficiava fibras regionais, malva e Juta indiana. O Brasil importava da Ásia cerca de sessenta mil contos de réis para suprir suas fábricas de aniagem, foi, a partir desta evidência que se convenceu da necessidade de cultivar a Juta no Brasil. Em sua exploração, rumou ao Estado do Amazonas, onde observará que no percurso de sua viagem que as terras de várzeas eram abundantes e pouco utilizadas ao processo com cultivo, e viu neste cenário o solo apropriado para o plantio da Juta, pois para o tempo de colheita é necessária a abundância de água, onde seu caule é mergulhado para a maceração, encontrando as características mais próximas ao solo indiano (MACEDO, 2002).

O caminho que Tuji percorreu até o estabelecimento da Juta na Amazônia, não foi nada fácil e tiveram mais baixos que altos. O estudioso utilizou de diversas técnicas e modos para o cultivo, e deparava-se com uma notícia desalentadora, ora as sementes eram de má qualidade, ora o gado bovino fazia o papel de destruir a plantação da juta. Macedo (2002), aponta em sua obra um momento em que gado vacuum praticamente devastou a plantação de juta, Tuji em 1933, selecionou as sementes de melhor qualidade da Ilha de Ceilão para distribuí-las em 144 lotes que estabeleceu em duas colônias agrícolas: no rio Unicurupá e outra na boca do Rio Andirá. Nas terras de várzea onde brotaram os cinco pés que cresceram até os quatro

metros, eram arrendadas do senhor Germano Brandão, que possui algumas cabeças de gado.

Certa noite, alguns animais de Brandão invadiram os campos experimentais e devastaram quase tudo, inclusive, das cinco junteiras onde residiam todas as esperanças de Tuji, três delas foram destruídas. Restaram apenas duas e ainda assim uma delas, que crescera quase à beira do barranco, caiu e foi levada pela correnteza de sorte que restou apenas uma (...). Tuji providenciou total proteção ao único restante, mandando cerca-lo com estacas robustas para que ficasse a salvo de possíveis novas investidas do gado. Chegando a tempo propício, desse único pé restante conseguiram colher cerca de uma mão de sementes. Pois bem, dessa única mão de semente originou-se toda a juta produzida na Amazônia até os dias atuais (Macedo, 2002, p. 208-209).

A partir dessa colheita exitosa de Tuji, houve a expansão de seu experimento, onde pode trabalhar e colocar o seu plano de cultivo da juta em execução. Com essa pequena quantidade, em 1934 plantou na várzea do rio Andirá, onde colheram três quilos de novas sementes, que em 1935 foram plantadas em quinze localidades diversas, incluindo espaços de várzea e terra firme, para verificar qual a melhor qualidade do solo. Teve sucesso em seu experimento, sendo constatado que essas sementes germinaram e cresceram videntes, sem apresentar qual degeneração, logo, o pesquisador venceu a batalha (MACEDO, 2002).

Tuji, transitava rotineiramente entre Brasil e Japão, e dentre seus objetivos tinha por finalidade fomentar e ampliar o cultivo da fibra na Amazônia. O ano de 1939 é tido como o marco de seu experimento, conforme aponta Macedo (2002), onde ressalta que a nova espécie da Juta estabelecida na Amazônia, era superior a produzida na Índia, e ainda destacou que seu cultivo não deveria ser monopolizado, seguindo comum a todos os brasileiros, para tanto ele distribuiu um folheto intitulado de “Instrução sobre plantação de juta”, dando amplo fornecimento de sementes a quem quisesse.

Em 1942, a produção da fibra alcançava três mil toneladas, e houve a necessidade da criação de fábrica de tecelagem e fiação. Nesse interim, apresentou-se a Segunda Guerra Mundial e o Japão por participar do Eixo, removeu suas forças o desenvolvimento da juta e com isso houve a desorganização da produção. Porém, com a produção em grande escala e com a valorização das commodities, foi o estímulo que necessitava para a produção amazônica se desenvolver e estabelecer, passando a abastecer a indústria nacional e exportando seu excedente aos países da América do Sul (MACEDO, 2002).

Em meio a sua pesquisa, Tuji evidenciou que a região do Baixo Amazonas no Pará, especialmente os municípios de Alenquer, Monte Alegre, Óbidos e Santarém, era o solo mais propício para o desenvolvimento da Juta, região que fora futuramente consagrada como a principal produtora de Juta do Pará.

## **2. TECEJUTA: A GRANDE INDÚSTRIA APORTADA EM SANTARÉM**

Em 10 de novembro de 1951, passou a existir oficialmente a Companhia de Fiação e de Tecelagem de Santarém (TECEJUTA), que tinha o papel de industrializar juta no seu próprio espaço de produção, o Baixo-amazonas. Logo a empresa, foi criada com o objetivo de realizar o processamento da juta e transformá-la em sacaria na própria região produtora da fibra, buscava-se a formação de um arranjo organizacional que se compreende grande parte da cadeia produtiva, desde o cultivo até a transformação em sacaria, localmente, visando ampliar os benefícios econômicos para a região. A Companhia viu a necessidade que se apresentava a Indústria Brasileira quanto a importação da sacaria cafeeira que vinha da Índia, onde encontravam uma série de barreiras como a distância e os valores de importação (PINTO, 2010).

Segundo Pinto (2010), o planejamento para a finalização das obras e inicialização da produção seria até o ano 1953, conforme destaca no relatório anual da Diretoria no ano 1952:

“todos os esforços serão conjugados na construção do edifício industrial da empresa, em terreno já escolhido, como também a importação das máquinas encomendadas, necessárias ao funcionamento da fábrica”. Se essas providências fossem cumpridas, “é bem possível que 1953 o estabelecimento fabril venha a funcionar, coroando de êxito os esforços despendidos e proporcionando os resultados esperados” (PINTO, 2010, p. 335).

Dando continuidade ao planejamento da Diretoria, nos meses iniciais de 1952, chega à Santarém a futura planta da indústria de fiação e tecelagem, advinda do Japão, contendo as especificações técnicas da construção, assim como a disposição das máquinas a serem instaladas, todavia, já havia sido deliberado a área em que teria sua construção, sendo estabelecido no Bairro da Prainha. A estrutura metálica da fábrica veio do Porto Rio de Janeiro em 1953 no navio Loide e pesava 200 toneladas. O dia 07 de dezembro de 1952, foi lançada a pedra fundamental da fábrica (PINTO, 2010).

No livro Memória de Santarém de Lúcio Flávio Pinto (2010), o autor aponta o discurso feito por Elias Pinto, o então diretor-secretário de governo, que



representava o prefeito Aderbal Caetano Corrêa em 1952, onde relata: “que dentre a campanha presidencial de Getúlio Vargas em 1950, em momento que passava pela região de Santarém, assumiu o compromisso que caso se fosse eleito, apoiaria da ideia do beneficiamento da matéria prima do local da sua extração” (PINTO, 2010, p. 336).

Em 11 de março de 1953, Elias Pinto e Kotaro Tuji, rumaram a Petrópolis, onde foram recebidos pelo Presidente Getúlio Vargas, e o informaram da chegada de alguns maquinários advindo do Japão, assim como o Lançamento da Pedra Fundamental. Esta visita partiu do pressuposto que necessitavam do apoio Federal para o desenvolvimento do projeto de cultivo e industrialização da matéria prima presente na Região. Nesse primeiro momento, ocorreram vários imprevistos que dificultaram o estabelecimento da TECEJUTA, como algumas limitações referentes as importações dos maquinários, além disso, o cenário pós-segunda guerra era outro fator, e por fim o suicídio de Getúlio Vargas. Tudo isso contribuiu ao atraso na efetivação da TECEJUTA, que só começa a operar muito tempo depois (PINTO, 2010). O processo de construção da TECEJUTA, estendeu-se por muitos anos. Apesar do marco de sua fundação apontar para o ano de 1951, houve um lapso temporal de pelo menos uma década, pois somente em 1965 que finalmente a fábrica entrou em funcionamento.

### **3. A ENERGIA ELÉTRICA COMO UM PROBLEMA**

Em meio ao cenário que se apresentava com a introdução da TECEJUTA, com a chegada de seu grande maquinário que passa a equipar a novo projeto fabril, traz consigo trabalhadores que passam a residir na cidade, e somando com seus moradores, toda essa configuração, acrescentada a posição geográfica sem o privilégio dos grandes investimentos pertencentes a região sudeste do Brasil, tal panorama evidencia um novo problema: a escassez de energia elétrica (PINTO, 2010).

Conforme aponta Tristan (2016), desde 1937 a cidade contava com uma usina de energia bem precária, que não dava suporte nem sequer aos moradores, tendo em vista que sua população havia dobrado, assim como o tamanho. Essas implicações foram motivos de observações dos agentes públicos quanto a chegada da industrialização do novo polo amazônico. No ano de 1952, houve uma reunião após o lançamento da TECEJUTA. Pinto (2010, p. 336), informa que o Senhor Gabriel

Hermes Filho, na época o presidente do Banco de Crédito da Amazônia (BCA), atualmente o Basa, lançou as bases para a criação de uma Sociedade Anônima, que tinha por objetivo resolver o problema da falta de energia na cidade, foi considerado um projeto audacioso, a ideia que contou com apoio do Governo do Estado do Pará, Caixa Econômica Federal, Companhia de Fiação e Tecelagem, I. B. SABBÁ & CIA, e Prefeitura de Santarém. O projeto de levar energia a cidade e auxiliar nas máquinas da TECEJUTA, não deu certo, pois a necessidade era bem maior que a energia produzida.

A TECEJUTA possuía três grandes geradores que seriam suas fontes de energia, foram instalados antes de seu funcionamento, passam a fornecer energia para a cidade no período da noite, o horário era limitado, conforme relato do Senhor João Silva, que lembra que a TECEJUTA fornecia luz “até meia-noite, iniciando às 18:00h e ia até meia-noite, em alguns períodos que tinha coisas extras na cidade pediam prorrogação um pouco mais longa que ia até duas da manhã por aí”, ainda acrescentou que o abastecimento de energia elétrica incluía a iluminação pública, o que foi tido como coqueluche, pois a cidade antes disso vivia no escuro (TRISTAN, 2016, p. 38).

Sobre o fornecimento de energia na época, Lúcio Flávio Pinto, na Obra Memória de Santarém, esclarece:

A energia ainda era fornecida por um conjugado de 400 KVA da TECEJUTA, em 1965. A empresa se dispôs a manter o serviço mesmo quando entrasse em funcionamento, mas a prefeitura teria que resolver o problema o mais rápido possível. A prefeitura conseguiu, através do governo do Estado que a Eletrobrás financiasse a compra de um conjugado de 1.250 KVA. Mas, antes dessa solução, receberia um equipamento de 400 KVA. Neste mesmo ano começou a abertura da picada ligando Santarém à cachoeira do Palhão (PINTO, 2010, p. 164 – 165).

Com esses dados, pode-se observar o quanto era essencial a TECEJUTA a região, mantinha um papel fundamental na geração de empregos e abastecimento de energia, muitos dos moradores que vivenciaram esse momento de início das atividades da fábrica, a partir de 1965, noticiam que a Companhia de Fiação e Tecelagem foi a grande responsável pela chegada da energia elétrica. Tristan (2016) aponta que no mês de março de 1966, a TECEJUTA estabelece um acordo com a Prefeitura de Santarém, onde passaria a fornecer energia durante cinco horas, das 18:00 às 23:00 horas, esse acordo se prolongaria até a chegada da instalação das Centrais Elétricas do Pará, que assumiria a tarefa do fornecimento em 1966, o período

foi curto devido à grande capacidade de energia que devia se destinar a utilização da empresa.

#### **4. O CHÃO DA FÁBRICA: A LOCALIZAÇÃO E O TRABALHO.**

O contexto histórico que se fazia na época com a implantação do grande e audacioso projeto, a cidade de Santarém já se encontrava em desenvolvimento, num ritmo acelerado, apresentavam-se dois grandes bairros que dominavam a capacidade demográfica: Prainha e Aldeia, que contavam com poucos prédios desta magnitude, o que trouxe motivos de atenção e discussão (TRISTAN, 2016).

Nesse período a população rural e, sobretudo, a urbana de Santarém deu um salto de 38.862 habitantes e 8.697 habitantes, respectivamente, em 1940, para 73.891 e 61.324 em 1970. A população ativa na agricultura envolvia 12.239 trabalhadores em 1940 e subiu para 27.146 em 1970, ao mesmo tempo, em que os trabalhadores na indústria aumentaram de 2.194 para 3.142 (IBGE, 1940; 1970). Isso refletiu principalmente no dinamismo do setor da juta desde o plantio ao longo do rio Amazonas até seu beneficiamento (HOEFLE, 2013). Este aumento populacional também pode ser creditado às políticas nacionais que incentivavam a vinda para a Amazônia, especialmente durante a Ditadura Militar.

A chegada do imponente do novo polo industrial contrastava com as casas no Bairro da Prainha, onde em sua maioria eram casas populares de pau-a-pique, que não possuíam água e muito menos energia, esse cenário apresentou-se até a década de 1970, poucas casas eram construídas com a alvenaria, pois a cidade não dispunha desse material, e só vinham de outras localidades por transportes de barco o que encarecia os preços dos tijolos e telhas. Em entrevista realizada na dissertação de Tristan (2016), foi relatado sobre como eram as casas naquela época:

A nossa casa era uma casinha de palha, com paredes de palha, coberta de palha, toda a casa era de palha. Era chão, não tinha piso, era na terra. E a casa dos vizinhos também era assim. E depois lá na Rosa Passos, não tinha luz, não tinha água. Quem vê a distância pode até não acreditar, mas a gente ia buscar água na praia da Tecejuta, e trazia de cambão, um pau com uma lata na frente outra pra trás, e menino pra dar banho. A gente levava as crianças pra dar banho, as roupas pra lavar e já trazia a água pra fazer comida e beber. (Maria alequim, APUD; TRISTAN, 2016, p.35).

Os empregos na fábrica trazem consigo uma série de benefícios a região, como a chegada de novos moradores que viriam para trabalhar, assim como o oceano de investimentos que auxiliariam no progresso, em consonância com o aquecimento

do comércio, ao mesmo tempo que também ampliou algumas dificuldades sociais na cidade, como veremos adiante.

Antes da entrada em funcionamento da fábrica, era necessário organizar o material e “educar” esses trabalhadores que não participaram de qualquer movimento industrial, o que acarretou numa série de problemas, foi preciso ensinar, “adestrar” o trabalho ao ritmo das máquinas. Os trabalhadores da fábrica eram de origem local, e não necessitando de grande qualificação, e seu pagamento não ultrapassava um salário mínimo. De início, as máquinas advindas do Japão foram inseridas no treinamento dos operários, fato que não foi vista com bons olhos pelos diretores da TECEJUTA, pois não atendeu o binômio tempo/produção, e logo as máquinas foram trocadas pelo modelo Inglês. Com essa nova mecânica foi possível melhorar a produção, todavia, uma série de acidentes com os operários ocorreram, já que essas novas máquinas eram mais aceleradas e requeria uma atenção muito maior dos operários. Assim, como apontou Tristan, muitos operários sofreram mutilações (TRISTAN, 2016).

Os casos de acidentes na fábrica ficam explícitos nas entrevistas realizadas com ex-funcionários da fábrica, como relata dona Maria Alice Fernandes.

Aconteceu uns acidente lá meio bem triste, que a gente ficava todo mundo ficava paralisado, uma, uma senhora que trabalhava lá, ela tinha o cabelo comprido, a máquina pegou o cabelo dela tirou assim, (fez um círculo na cabeça com a mão, para mostra onde o cabelo da funcionaria tinha sido arrancado, escalpelamento), por cima assim mas tirou com cabelo e tudo e, um senhor também na época que a gente trabalhava lá, que a máquina comeu o braço dele de um lado né, (Maria Alice Fernandes, entrevista realizada em 17/02/2022).

Além do desenvolvimento socioeconômico trazido a região, a fábrica trouxe também aos seus funcionários, sofrimentos e mutilações, no relato acima descrito por dona Maria Alice, nos deixa claro que, a fábrica não apresentava nenhum programa de proteção, treinamento e orientação, contra acidentes aos seus funcionários. Essa carência de treinamento como também a ausência de distribuição de Equipamento de Proteção Individual (EPI) aos trabalhadores, culminaram em graves e/ou gravíssimos acidentes com vários trabalhadores. Em entrevista realizada na dissertação de Tristan (2016), foi relatado sobre essa falta de orientação aos operários.

A parte da tecelagem era muito perigosa, a gente não tinha nenhum tipo de orientação sobre o perigo que a gente corria lá dentro. Eu passei 7 anos lá e nunca assisti uma reunião de segurança, (Maria Eliete, APUD; TRISTAN, 2016, p.108).

Essa entrevista apresentada por Tristan, dialoga com as afirmações que Maria Alice Fernandes, também nossa entrevistada, faz ao se referir em relação aos acidentes ocorridos na fábrica, como também fica claro a falta de orientação sobre o perigo que os operários corriam com possíveis acidente.

Este gráfico obtido na dissertação de Tristan de 2016, nos mostra a quantidade de acidente ocorridos entre 1974 a 1985, um total de 796 acidentes, e nos deixa claro o quanto os funcionários estavam vulneráveis aos acidentes. Este levantamento numérico de Tristan, é relativo a apenas 11 anos, o que nos leva a crer que a maioria dos acidentes ficaram sem registro. No gráfico abaixo estão enumerados separadamente os acidentes sofridos por homens e mulheres.

Quadro apresentando os acidentes com homens e mulheres – 1974 a 1985.

	Cabeça	Visão	Tronco	Memb. Sup.	Memb. Inf.	Externo	Não Def.	Total
Homens	5	51	15	194	113	53	58	489
Mulheres	3	30	9	122	72	34	37	307
<b>Totais</b>	<b>8</b>	<b>81</b>	<b>24</b>	<b>316</b>	<b>185</b>	<b>87</b>	<b>95</b>	<b>796</b>
%	1,01	10,18	3,02	39,70	23,24	10,93	11,93	100,00

Fonte: Tristan, (2016, p.114).

Em observação no gráfico, fica evidente o quanto vulnerável estavam os operários e, conseqüentemente propícios aos acidentes ocorridos na fábrica. Como já dito anteriormente, a fábrica não apresentava nenhum plano ou preocupação em manter seus funcionários em segurança, sua prioridade era somente a produção em larga escala. Ou seja, a maior preocupação estava na ampliação da produtividade da mão de obra trabalhadora, mesmo que isso significasse um aumento de acidentes, já que, como dito anteriormente, não havia uma capacitação dos operários em termos de proteção. A Indústria dava o suporte regional e nacional na produção da sacaria, com isso seu ritmo era intenso e a fábrica funcionava às 24 horas em turnos que correspondiam: das 6h às 10h, das 10h às 14h, das 14h às 18h, das 18 às 22h e o último turno que era o mais longo que iniciava às 22h até 06h da manhã, sendo o mais

cansativo e que admitia um curtíssimo intervalo de 15 minutos, conforme o relatado apresentado por Tristan:

Tinha uns horários que a gente entrava seis horas da manhã e saía 10 horas, outro que entrava duas e saía dez da noite, e tinha o terceiro, que entrava dez da noite e saía seis da manhã. Esse era mais difícil, porque dava muito sono. A gente só tinha 15 minutos pra merenda. Quando dava, a gente deitava ali mesmo no vestiário, quando não, a gente puxava uma lona e ficava ali perto do rolo. (Moçara Campos, APUD; TRISTAN, 2016, p. 102).

O historiador Edward Palmer Thompson (1998), ao estudar o movimento operário inglês, ressalta que a alienação do tempo está relacionada a monetização desse tempo alienado, onde o tempo dominava a vida desses operários, considerado o grande termômetro no interior das fábricas. E na TECEJUTA não diferiu: relógio, cartão de ponto e o tão marcante apito dominavam o tempo da fábrica.

As narrativas dos funcionários mostraram como era regida essas relações de trabalho no chão da fábrica, é imperioso destacar que a utilização das máquinas impunha novos processos de adaptação aos trabalhadores, “o período todinho a gente tava sentada, chegava e já ficava na posição, quando uma saía, outra já ficava, aí a costura não parava, como tudo na fábrica não parava”, conforme o relato obtido por Tristan (2016, p.97).

O desgaste era recorrente e independente de função, devido ao tempo grandioso que se detinha a permanecer numa única posição, sentada e outros em pé, nos casos dos operadores de teares, “[...] a gente trabalhava em pé, eram dois teares pra gente dar conta” trecho coletado por Tristan (2016, p.102).

Além de toda adaptação, o trabalho empregado aos operários também ocasionava uma série de danos à saúde, como dores no corpo e o desgaste muscular, o que acarretava numa série de lesões e impediam a continuidade dos serviços, ainda havia o ruído provocado pelas máquinas, o calor excessivo das máquinas, assim como a inalação de resíduos trazido pelo vapor (TRISTAN, 2016).

Os danos à saúde dos operários da fábrica, eram constantes, isso fica evidente com o relato de dona Maria Alice, em entrevista foi perguntada se ouve algum ponto negativa em sua vida ao ter trabalhado na fábrica, Maria Alice relata que.

A única coisa foi que, a minha própria pessoa, porque eu comecei sentir dores, dores de coluna né, porque esse negócio que eu fazia lá esse trabalho era uma, uma expola desse tamanho (faz gestos com as mãos, para mostra o tamanho da máquina em que trabalhava), ela tinha as pontas de aço, a máquina ficava funcionando a gente tinha que topa ela pra cá e pra lá né, (novamente desta vez fazendo gestos para esquerda e para a direita com os braços, para informar como era o trabalho na máquina), eu acho que nesse movimento me apareceu a dor de coluna, que eu lembro o negativo foi só

isso, porque eu sentia muita dor na, na, coluna né, (Maria Alice Fernandes, entrevista 17/02/2022).

A fábrica representava para a região o desenvolvimento socioeconômico, já para os operários, a fábrica não representava apenas um retorno financeiro através de seus salários, e sim, um dano que podia ser irreversível a saúde dos operários, como nos mostra esse relato de dona Maria Alice.

## **5. MÃO DE OBRA FEMININA EMPREGADA AO PROCESSO DE FIAÇÃO**

A presença do público feminino na TECEJUTA foi marcante, ressaltando esse momento histórico, pois naquele momento a sociedade totalmente machista evidenciava a entrada desse público ao cenário industrial o que causou muita estranheza, pois não havia separação de turnos entre homens e mulheres, que trabalhavam de dia e de noite. Nas décadas de 1960, 1970 e 1980, a sociedade santarena era regida pelos dogmas do catolicismo e possuía visão de que a mulher era responsável pelo trato doméstico, assim como cuidar do marido (TRISTAN, 2016).

O Jornalista Lúcio Flávio Pinto, que trata das Memórias de Santarém, explanou sobre o espaço da mulher e que ambiente podia “habitar” para agir conforme a sociedade:

[...] os limites da atuação [da mulher] ainda estavam circunscritos à casa e a alguma extensão dela, como a Igreja, em cujas atividades podia ter um papel mais destacado. Por isso também sua presença era marcante nas sacristias, que eram um dos centros de vida da cidade (PINTO, 2010, p. 122).

Desta forma, o trabalho feminino na fábrica era tido como amoral, segundo Tristan (2016), já que passavam fora de casa em um horário impróprio aos padrões da época e ainda ao lado de homens. Além da reprovação social, ainda contavam a indignação de seus companheiros e maridos que manifestavam grande insatisfação ao seu trabalho, pois segundo estes, suas mulheres não desempenhavam com maestria suas atividades em seu lar, instalava-se, assim, um conflito nessas relações familiares. A insegurança dos companheiros estava no fato dessas mulheres dividirem a fábrica com homens, e logo temiam que poderia existir traições. Tristan (2016), aponta que o horário de trabalho da mulher que muitas das vezes ocorria à noite, causava os riscos da conduta moral, o que a autora chegou a conceituar o lado polarizado da mulher da sociedade a época, onde a “rainha do lar” enquadrava-se aquela que cuidava e mantinha a ordem em seu lar, enquanto as “mulheres da vida” seriam as que desempenhavam suas atividades na fábrica.

Esse tipo de preconceito ficou marcante na memória das mulheres que trabalharam na fábrica, isso fica explícito com o relato de Maria Alice ex-operária, quando perguntada em entrevista se, havia preconceito ou discriminação em relação as mulheres trabalhadoras da fábrica, Maria Alice relata que.

Havia com as mulheres, no caso diretamente no caso alguém diretamente chegar comigo, ou alguém chegar com uma amiga e ter esse tipo de discriminação, não, a discriminação era o seguinte; por que vinha, tinha pessoas que trabalhava lá que vinha de bairro muito longe né, e tinha, naquela época, era um caminhão que ele ia buscar de manhã o povo 6:00h da manhã, ele tava chegando com o caminhão cheio, naquele tempo andava todo mundo em pé no caminhão, hoje em dia não pode né, iai quando era 10:00h ele levava, 02:00h, (14:00h) de novo, então quando esse carro passava por que vinha tudo misturado, homens e mulheres né, iai nessa parte as pessoas discriminavam as mulheres, por que eles, na visão deles só era (prostituta) que trabalhava lá, iai eles começavam fazer, quando o carro passava, fosse passando pessoas de pés agente escutava eles tarem miando tipo gato, tipo achando que a gente era goto né, as mulheres, aquela discriminação, isso teve nos começos teve muito, mas nada positivo, faziam geral, nunca diretamente com uma pessoa que eu soubesse, era geral, (Maria Alice Fernandes, entrevista 17/02/2022).

Como já dito anteriormente, essa discriminação com as mulheres ficou marcante na memória das trabalhadoras da fábrica, de tal maneira que chegavam a compara-las com gato, onde pessoas de fora da fábrica, sem conhecer a realidade dessas mulheres e o seu lidar com o trabalho dentro da fábrica, passam a discrimina-las, e um dos fatos dessa discriminação é a imitação do miado do gato como relata dona Maria Alice, para referir-se as mulheres trabalhadoras da fábrica. Tristan (2016) esclarece muito bem sobre essa comparação das mulheres operárias da fábrica em relação a comparação com gato, isso por que a figura do gato estava relacionada na cultura francesa e europeia, com a sexualidade da mulher.

A comparação das mulheres da fábrica com a pilha Eveready, que usa como mote o “pulo do gato”, nos levou a pensar o quanto a cultura europeia e principalmente a francesa estava presente no imaginário da sociedade santarena. (Tristan, 2016, p. 166).

A Igreja Católica exercia grande influência na sociedade santarena, funcionava como o termostato dos padrões sociais, e o que saia de seu controle era combatido. E não diferiu no caso das mulheres, Tristan (2016) traz que a concepção católica estava voltada ao ambiente doméstico, e a inversão dos afazeres das mulheres na fábrica causava desestabilização e perturbação a ordem social, acarretando o transtorno na unidade familiar.



O debate também se fez presente na Sociedade Francesa no fim do Século XIX, conforme demonstra Régine Dhoquois, houveram as críticas e vinham por todas as camadas sociais, quanto a inserção das mulheres no mundo operário:

Assim, sejam quais forem as opiniões políticas, a mulher é antes de tudo esposa e mãe, responsável pelo bem-estar da família. Naturalmente, tudo se encadeia: a esposa/mãe cuida da casa e dos filhos, no plano material e moral, e do marido, que, desse modo, pode levar à fábrica a sua força de trabalho intacta. A mulher passa a ser uma espécie de base sobre a qual se assenta a paz social.

Pois que faz o infeliz operário cuja mulher abandona o lar? Ele bebe, e são numerosas as intervenções que denunciam o alcoolismo dos trabalhadores, mais tentados a ir para o bar do que voltar para uma casa mal cuidada por uma mulher ausente ou volúvel, (Régine Dhoquois, APUD; TRISTAN, 2016, p. 162-163).

O grande projeto fabril no seio da Amazônia trazia consigo várias discussões, e a utilização da mão de obra feminina no ambiente operário encampa um novo movimento social, com sua inserção passam a ocupar do público masculino e encontram o seu reconhecimento, mesmo que ocorram resistências. As mulheres da TECEJUTA subsidiam e encorajam outras para que pudessem trabalhar, representando uma fuga ao padrão feminino esperado na época.

## 6. REVIVENDO O PASSADO

Optamos por trabalhar com entrevistas com o objetivo de reviver os sentimentos de alguns ex-funcionários da fábrica, de modo que estes ex-operários em entrevista concedida a nós, procuram de certa forma lembrar os fatos ou lembranças ditas em vários momentos da entrevista como “bons”.

Maria Cecilia Sousa, 67 anos, ao ser perguntada a quanto tempo trabalhou na TECEJUTA, relata que.

Eu, acho que eu trabalhei, duns seis a sete anos, eu não lembro mas né, não lembro qual foi assim o tempo que eu entrei (Em que ano foi contratada para trabalhar na fábrica), e não lembro a data que ela fechou né, (ano em que a fábrica encerrou as atividades), que ela dispidiu (demitiu) o pessoal, mas pelumaparte assim eu, eu acho que a TECEJUTA foi uma, um fracasso pru povo né, pra nós que trabalhava lá, porque da TECEJUTA, nós trazia o pão de cada dia pra nossa casa né, pro nossos filhos, ajudava nossos marido né. O meu trabalho lá era fazer a expola né, nós fazia as expolas e passava pra máquina da tecelagem, que faziam as sacas, as sarrapilhas que chamavam antigamente né, que agora a gente não vê mas isso né. Ai eu penso assim, que o nosso poder público, não sei quem pode mexer com isso, não deveria ter deixado essa fábrica se acabar né, por que aí foi um, uma tristeza, por que dia de sábado nós aricibia nosso dinheiro né, ou nós ia pro comercio (Centro comercial) fazer nossas compras ou nós é é fazia lá, por que lá nós tinha uma feirinha né, tinha uma feira vendiam tudu que a gente queria lá, aqueles que podiam comprar lá, que queriam comprar lá, compravam e, aqueles que não quisesse, pegavam o ônibus iam pro centro né, eu acho que nessa parte até o comercio sentiu quando a TECEJUTA fracassou, uma grande perda pra

todos nós que trabalhamos lá né. Eu gostava muito, eu gostava muito dos nossos encarregados né, respeitei muito eles, eles com nós, eu dava uma produção muito boa pra eles né, o setor que eu trabalhava, eles procuravam muito né, que era as expolas pra fazer a sarrapilha. Aí quando nós vimos fala que ela ia parar né, ia fechar eu acho que acabou com a vida de muita gente né, por que muitos não podiam sair de lá, por não tinham outro imprego pra sair de uma parte pra outra. O saber também coitado não tinham, (refere-se que os trabalhadores da fábrica tinham pouca instrução educacional), e por aí foi destruindo a tecejuta, que hoje se eu passar lá, eu não sei mas onde era que era a TECEJUTA, a a fábrica que muito nós precisava dela né. Mas pra mim a tecejuta foi uma grande família dentro da minha casa, criei muito meus filhos, ajudei muito meus filhos, com materiais de colégio né, eu trazia de lá, eu comprava minhas coisas, um tantinho deixava para ajudar meus filhos no colégio né, e era isso, (Maria Cecilia Sousa, entrevista 18/02/2022).

Maria Cecilia, não lembra o ano de sua contratação, nem ano de sua demissão da fábrica, como também não lembra o ano em que a fábrica encerrou suas atividades. Para Maria Cecilia, o encerramento das atividades operacionais da fábrica foi uma grande perda para a população santarena e, principalmente para os ex-funcionários da fábrica, onde relembra o fato de receber seu salário e ajudar com as despesas da casa. Para Maria Cecilia, o poder público deveria ter interferido na fábrica, para que esta continuar a funcionar. Maria Cecilia faz questão de lembrar que gostava bastante de seus encarregados, ela se recorda que conseguia fazer uma boa produção em seu setor, e isso para a fábrica era muito importante, pois quanto mais os operários produziam, melhor era para seus lucros. Para Maria Cecilia, a paralização da fábrica afetou diretamente os operários, pois o fato destes terem um conhecimento escolar precário, ficaria difícil conseguirem um novo emprego.

Maria Alice, ao ser questionada, sobre sua experiência de ter trabalhado na fábrica, expõe;

A gente trabalhava, no caso eu trabalhava na tecelagem, eu trabalhava com um material que tinha lá, que chamava expola, e essa minha profissão lá só tinha duas pessoas em cada turno, e aí no turno que eu entrava sempre era sempre eu e uma amiga, que trabalhava que desenvolvia esse, que era onde tecia colocava as, as, aqueles rolo de fios né, que saia a tela de lá, (Maria Alice Fernandes, entrevista 17/02/2022).

O turno de trabalho na fábrica, era bastante desgastante para os operários, apenas dois funcionários para tomar conta das maquinas durante o turno de trabalho, isso ocasionava cansaço excessivo aos funcionários devido as exigências de uma maior produção por turno.

Pedro Carvalho, que trabalhava no setor de preparação da fibra, no início de sua fala relembra do turno que era o mais cansativo para os operários entre todos os turnos de trabalho na fábrica.

Era o expediente que eu acho que todo mundo achava ruim porque era a noite toda, de 10:00h (22:00H) às 06:00h da manhã, aí fazer o quê, tava empregado a gente trabalhava era turno né, três turno que tinha, aí a gente tinha que enfrentar a barra né. Eu enquanto trabalhar lá, eu não tive que me queixar de nada né, eu até agradeço muito por eu começar trabalhar lá, ganhar meu dinheirinho né, como ela falou (referindo-se a sua esposa), quando nós casamos, no mês que nós casamos eu pedi minha conta (solicitou seu desligamento da fábrica), por que eu vi que ali aquele salário que eles pagavam pra todo mundo, pra mim, já não ia dá, i foi um, um, assim um uma briga de cachorro grande como diz a moda, pra eles darem minha conta. Eles não queriam dá de jeito nenhum, por que durante, acho que uns três anos mais ou menos eu nunca faltei um dia no trabalho, mas por isso que eu acho que eles não queriam dar minha conta. (Maria Alice, sua esposa, faz uma intervenção e fala que) “era difícil eles darem a conta (demitirem) de uma pessoa, as pessoas não davam motivo todo mundo se dava bem”. Até duas vezes eles ainda me convenceram, mas só que eu não fiquei, é, na terceira vez eu já fui com a carteira né, eu não fui mais pidi pra sair, eu já fui pidi pra, olhe dei baixa na minha carteira que eu não volto mas a trabalhar aqui, mas Pedro oque que tu vai fazer e tal, eu disse olha eu eu to fazendo essa escolha pra minha vida né, eu não ia falar detalhes pra eles, mas eu fui assim, que aqui não vai da mas pra mim ai eu saí, já comecei trabalhar notro setor que foi na construção civil né, que dez dessa época até eu digo até hoje que ainda tô vivo né, o que eu consegui na vida foi na construção civil né, e agradeço muito por isso, mas de lá mesmo da TECEJUTA, eu não tive o que me queixar de nada, tive mas é que agradecer (Pedro Carvalho, entrevista 17/02/2022).

Para Pedro Carvalho, o turno que iniciava às 22:00h, e encerava às 06:00h, tornava-se o mais cansativo, apesar desse turno tornar-se o mais difícil e cansativo, tanto fisicamente, quanto mentalmente para os operários, estes desenvolviam suas atividades com maestria e, por muitas das vezes se orgulhavam por trabalhar na fábrica, como relata Pedro Carvalho, ao agradecer a oportunidade de ter trabalhado na fábrica e ganhar seu “dinheirinho”. O salário pago pela fábrica aos trabalhadores, como já citado anteriormente, era em torno de um salário mínimo, valor que não daria para manter as despesas de uma família, fato esse que fica patente no depoimento de Pedro Carvalho, que ao casar-se pede demissão da fábrica, pois o salário que recebia não mais daria para a subsistência de sua família.

Era proibido relacionamentos amoroso entre funcionários da fábrica, porém, muitos relacionamentos e até mesmo casamentos, surgiram entre os funcionários, a exemplo disso é Maria Alice e Pedro Carvalho que, se conheceram na fábrica e casaram-se. Tristan (2016) deixa-nos claro sobre esse controle que os diretores da fábrica buscavam manter,

Havia intenção, por parte dos responsáveis pela direção do estabelecimento, em estabelecer um controle, nos horários da noite e madrugada, para evitar a construção paralela de relações entre os sexos que pudessem criar problemas para a produção, (Tristan, 2016, p. 160).

Neste trecho trazido por Tristan, fica evidente o controle interno que era mantido sob os funcionários da fábrica para evitar qualquer tipo de relacionamento, pois, como argumento a possibilidade de relacionamento poderia afetar a produção da fábrica.

Maria Cecília ao ser questionada sobre sua experiência de ter trabalhado na fábrica, relata que:

A experiência olhe, eu sempre dizia pro meu velho assim, o dia que a TECEJUTA chamar eu vo lá. Ele dizia mas aonde que tu vai, eu dise eu vou, só se nunca aTECEJUTA chamar, quando foi um dia ele gostava muito de rádio, de madrugada né, ai ele ligou o rádio na Rádio Rural, (uma rádio local) ele ligou o rádio aí deu, tavo chamando aprendiz pra TECEJUTA, eu disse é hoje Neco (Neco era o esposo de Maria Cecília) que eu vou lá, ele disse tu não vai, eu disse eu vou, eu vou por que eu não vou brincar eu não vou, eu vou buscar o que nós precisa pra dentro da nossa casa. Olha eu fui peguei meus documentos e levei, já fiquei trabalhando quando eu cheguei no horário ele disse mas tu é teimosa né velha, eu disse nós precisa home, nós temos nossos filhos, não era nem um, nem dois, era muito né, só o teu nós passa (referindo ao salário) mas se eu ajudar, era muito melhor né, e foi assim que eu entrei. Eu cheguei lá, eu fui pra parte da tecelagem que é umas máquinas batiam assim (faz um gesto com os braços balançando de um lado para outro), pra fazer a tela do pano da saca, eu fiquei com medo daquelas lançadeira grande né, eu não fiquei lá, eles me passaram pra expola, a a na expola pra mim foi uma brincadeira, eu ara muito interessada eu fazia quatro, cinco saco no esfregar do olho, (neste momento se refere que era ágil no trabalho), e o pessoal procuravam as minhas expolas porque elas não quebravam era uma expola bem tecida, bem mesma apertada nus tubo assim, e assim eu fui tomando gosto do trabalho, assim que era meu trabalho lá, muito bom, fiquei triste quando ela fechou e não teve uma pessoa que que butace pra frente a TECEJUTA né, e hoje se acabou que eu acho que se acabou mesmo que eu não sei se levaram, se acabaram se, não sei o que fizeram daquele, por que era muito, muito maquinário grande lá dentro né, era maquinário que a gente olhava assim era muito, aí foi de água abaixo, ninguém sabe, e por isso a TECEJUTA se acabou, (Maria Cecília Sousa, entrevista 18/02/2022).

O depoimento de Maria Cecília, demonstrou-nos que uma parte dos moradores de Santarém tinha intenção de trabalhar na fábrica. Nesse depoimento podemos observar também que Maria Cecília persistiu para ir trabalhar na fábrica. Na conversa que teve com seu esposo, ela estava preocupada em ajuda-lo nas despesas da casa, como também, no bem-estar de seus filhos. Maria Cecília, contou-nos sobre os setores pelos quais passou, qual ela se identificou mais e afirmou que desenvolvia suas atividades com maestria. Na memória dos ex-trabalhadores da fábrica, ficou a lembrança de suas atividades, como também a tristeza pela ruína da fábrica.

Perguntada se houve alguma dificuldade para trabalhar na fábrica, Maria Cecília relata que:

Não, eu nunca tive dificuldade lá, pra trabalhar na TECEJUTA, eu sempre fui animada eu dava força pras outras, vamos lá, que quando fo no final da semana, nós fica feliz com nosso pagamento, com nosso dinheiro, e eu era

acostumada mesmo já lá, parecia que eu me achava dentro da minha cozinha, no meu trabalho, eu chegava lá, ligava a máquina que eu trabalhava e, eu num, num tinha paradeiro de dizer assim que eu fosse conversar com outras pessoas né, bater papo pra cá, bater papo pra li, os meus contra mestres chamar atenção, nunca, nunca, eles me gostavam e eu adorava eles, naquele tempo, era seu Mario Feitosa, eu não me lembro mais os nomes dos outros, eram umas pessoas maravilhoso pra tumar conta do nosso turno, que nós trabalhava por turno né, era assim, (Maria Cecilia Sousa, entrevista 18/02/2022).

Maria Cecilia, não relata nenhuma dificuldade de aprendizagem e desenvolvimento de suas atividades na fábrica, fica patente que Maria Cecilia, prefere não lembrar as dificuldades enfrentadas na fábrica. Ela busca mostrar somente os momentos alegres nos quais passava com suas amigas, como também com o recebimento de seu salário. Maria Cecilia fala que, quando estava na fábrica se sentia como estivesse em casa. Podemos entender que, para alguns funcionários o trabalhar na fábrica tornava-se prazeroso a ponto de comparar a fábrica com sua própria residência. Essa fala de Maria Cecilia, também nos mostra a vigilância dos encarregados dos turnos, no sentido de fazer o controle constante para que os funcionários não mante-se nenhum tipo de conversa entre si, essa vigilância era rigorosa para não atrapalhar a produção e conseqüentemente para que não afetasse os lucros da fábrica.

Sobre a experiência de ter trabalhado na fábrica, Francisca Fernandes, relata resumidamente que; “Foi boa, porque eu nunca tinha trabalhado assim em fábrica né, aí foi pela primeira vez que entrei lá, trabalhei até esses oito anos”, entrevista realizada em 20/02/2022, para Francisca Fernandes, o fato de ter trabalhado pela primeira vez em uma fábrica, a sua experiência foi boa, fato esse que não deixa a ex-operária lembrar das dificuldades enfrentadas no decorrer das atividades laborais impostas aos operários na fábrica.

Julia Nogueira, ao ser perguntada sobre sua experiência de ter trabalhado na fábrica, relata resumidamente que; “eu entrei trabalhando na tecelagem, na época a tecelagem era uma parte que se tratava só de fazer o pano, é aquela que faz o pano, por que a fiação era uma coisa e a tecelagem era outra, fazia o pano” entrevista realizada no dia 21/02/2022.

A pergunta feita a Julia Nogueira, foi sobre a experiência de ter trabalhado na fábrica, no entanto, ela busca em sua memória os setores pelos quais trabalhou. Fica um ponto de interrogação, o que pode ter acontecido com a memória desses ex-

operários que bloqueiam suas lembranças ao se referirem as experiências de trabalho na fábrica.

A fábrica TECEJUTA, trouxe desenvolvimento econômico a Santarém e região, como também trouxe algum tipo de enfermidade aos seus funcionários devido ao pó da fibra produzido pelo manejo da juta e malva, que estes eram obrigados a estarem em constante contato diariamente, como relata Julia Nogueira, “eu aduici e foi preciso sair, aí encerrou. Devido ao trabalho, muito pó e dava muita pneumonia na época, aí eu tive que me afastar” entrevista realizada no dia 21/02/2022. Como já relatado anteriormente, muitos dos ex-operários, buscam em suas memórias os fatos que para eles momentaneamente eram positivos como o salário que recebiam ao fim do mês e, esqueciam esse fator tão agravante a saúde ao qual Julia Nogueira, buscou não esquecer.

Ao ser perguntado sobre a experiência de ter trabalhado na fábrica, Bernardo Cavalcante relata;

Rapaz a experiência lá na TECEJUTA de eu trabalhar, eu nunca tinha trabalhado né, nessas coisas, mais até que não foi difícil né, foi fácil pra aprender né, como eu lhe falei né, eu tenho assim uma inteligência né na cabeça queee eu não demoro muito pegar as coisa (tem facilidade de aprender rápido), é mais fácil eu pegar (aprender) olhando, que a pessoa me ensinar, entendeu, então a coisa lá não foi muito difícil não, mas foi fácil trabalhar lá, (Bernardo Cavalcante, entrevista 21/02/2022).

Nesse relato de Bernardo, fica claro que, apesar de nunca ter trabalhado em algo parecido, ele demonstra não ter dificuldade para aprender algo de novo, e isso para ele foi algo de positivo, pois desenvolvia suas atividades com maestria na fábrica.

Sobre seu cotidiano do trabalho, Bernardo relata;

Lá era o seguinte, eu entrei, eu foi primeiro pra depósito espalhar a juta, a fibra no sol, e depois passei pra dentro, é tinha uma prensa lá de prensar a fibra, aí depois passei pra ajudar lá né, e de lá eu passei pra fábrica pra dentro né, da fábrica. Aí quando cheguei na fábrica dentro da fábrica eu eu peguei o serviço de ser cortador de tela, aí eu comecei cortar a tela que a tecelagem, que as maquinas ticiam né, quando tava o rolo grande eu cortava, cortava e depois carregava pra lá pra outro setor, que era onde fazia as sacas costumava entendeu, era isso aí que eu fazia logo que eu entrei, fazia esse serviço. Ali eu rodava a fábrica quase toda (passou por vários setores da fábrica), mais então no, no, o meu serviço foi só isso aí mesmo, e depois eu sai (foi demitido), depois eu voltei (foi recontratado novamente), pra ser operador da máquina de fazer, gomadeira, é eu passei ajudando lá na, um pouquinho mas poucos dias lá puxando fio lá na roca. Aí quando me chamaram de novo (recontratado), já foi pra passar pra operador de engomadeira, dessa engomadeira quando eu parei, saí, começaram dar as contas (demitir), eu não trabalhei mas em canto nenhum só nisso aí, só isso aí, (Bernardo Cavalcante, entrevista 21/02/2022).

A lembrança de Bernardo é bem ativa no que se refere aos setores pelo qual trabalhou dentro da fábrica. A passagem de Bernardo por vários setores, segundo ele próprio, deve ser explicado creditado ao fato de que ele teria facilidade de aprender rápido as coisas. Esta dita “facilidade” que Bernardo tem para aprender as coisas fica bastante claro no momento em que questionado sobre as dificuldades enfrentadas para desenvolver as atividades, neste momento, Bernardo esclarece que;

Não, eu não teve assim muita dificuldade, eu não teve muita dificuldade pra, pra trabalhar lá né, só lá nos primeiros dias, depois quando eu conheci o negócio do serviço, aí pronto, aí não teve essa dificuldade, pra desenvolver né, aí eu, mas sem, não tinha nem preocupação, quando chegava e butava mesmo, por que tinha que ganhar uma produção, conforme eu enrolasse lá os rolo né, tinha uma, uma tabela que isso aí era assim no, no meu plantão de serviço por que era, era assim vamos dizer, se entrasse 06:00h, quando desse seis, sete, oito (contando a Hora nos dedos), dez horas eu saia sabe, aí eu voltava 02:00h (14:00h), pra entrar duas e saia 06:00h (18:00h), isso era no plantão do dia, agora quando era pra virar o turno né, aí era assim as vezes eu entrava é 10:00h (22:00), da noite né, e saia só de manhã (às 06:00h), aí era puxado, era só isso, (Bernardo Cavalcante, entrevista 21/02/2022).

Para Bernardo essa facilidade o ajudou bastante para fazer uma melhor produção, a dificuldade enfrentada por Bernardo, era somente em relação ao terceiro turno que iniciava às 22:00h e encerava às 06:00h da manhã.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao abordar a Companhia de Fiação e Tecelagem de Juta de Santarém, a TECEJUTA, percebemos o quão rico e vasto é a temática, nos dando suporte a outros trabalhos de pesquisa. O presente trabalho não está fechado, mais abre uma série de ramificações para um futuro, já que quando tratamos desta temática e sua relação com Santarém, percebemos que muitas famílias ainda guardem memórias deste período, da fábrica e do trabalho na fábrica. Nesta pesquisa procuramos compreender como a primeira e única fábrica de grande porte de Santarém modificou a rotina da região e, como a sua instalação modificou diretamente o cotidiano da população da cidade. Ao pesquisarmos a TECEJUTA, sua história e as memórias creditadas a ela, percebemos o quanto as narrativas são carregadas de emotividade, já que, mesmo com muitos problemas no cotidiano da fábrica, como os acidentes e o baixo salário, ainda assim, muitos entrevistados, desta pesquisa e de pesquisas anteriores citadas, relembram de forma carinhosa do período que trabalharam na fábrica.

Ao escrevermos sobre este antigo polo industrial, estamos contribuindo para a própria história de Santarém, na tentativa de valorização destas memórias e de dar voz àqueles que fizeram parte desta história.

Portanto, esta pesquisa buscou compreender a ideia de progresso trazida por esta fábrica para a região, bem como, os problemas relacionados à chegada da fábrica à cidade, como as doenças e mutilações de seus ex-funcionários.



## **FONTES ORAIS:**

AS ENTREVISTAS FORAM REALIZADAS COM:

**Antônia Terezinha** 69 anos, entrevista realizada em sua residência dia 17/02/2022, ano de ingresso na TECEJUTA, 1972-1974, trabalhou na Fábrica um ano e nove meses.

**Raimundo de Sousa Pereira** 71anos, Entrevista realizada em sua residência dia 17/02/2022, começou a trabalhar na TECEJUTA, em 1972 - 1975, trabalhou em trono de três anos.

**Raimunda Sousa de Carvalho** 67 anos, entrevista realizada em sua residência dia 18/02/2022, não lembra o ano em que começou a trabalhar na fábrica nem o ano de sua saída, só lembra que trabalhou entorno de 6 a 7 anos.

**Aldenora Oliveira Lopez** 80 anos, entrevista realizada em sua residência dia 20/02/2022, não lembra o ano de seu ingresso na fábrica nem ano de sua saída, só lembra que trabalhou 8 anos na fábrica, no setor da tecelagem.

**Leonilda Monteiro Mota** 71 anos, entrevista realizada em sua residencia dia 21/02/2022, ano de ingresso na fábrica em 1974, não lembra a data exata de sua contratação, lembra que trabalhou 9 meses no setor da tecelagem.

**Antônio dos Santos Ferreira** 73 anos, entrevista realizada dia 21/02/2022, em sua residência, trabalhou 6anos na fábrica. Passou por vários setores da fábrica.

## **REFERÊNCIAS**

DHOQUOIS, Régine. O direito do trabalho e o corpo da mulher. (França: séculos XIX e XX). Proteção da produtora ou da reprodutora. **O Corpo Feminino em Debate**. São Paulo, Editora UNESP, p. 43-56, 2003.

GENTIL, Janete Marília Lobato. **A juta na agricultura de várzea na área de Santarém – Médio Amazonas**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Pernambuco, 143 f, 1983.

HOEFLE, Scott William. Santarém, cidade portal de fronteiras históricas do oeste do Pará. **Espaço Aberto**, v. 3, n. 1, p. 45-76, 2013.

HOMMA, Alfredo Kingo Oyama. A civilização da juta na Amazônia: expansão e declínio. **Anais do Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural**, 1995.

MACEDO, Elivaldo José. **O Município de Santarém – Sua História, seus encantos**. Santarém: Gráfica e Editora Tiagão, 2002.

PINTO, Lúcio Flávio. **Memórias de Santarém**. Santarém: Editora O Estado do Tapajós, 2010.

SANTOS, Zilda Cohen et al. O ambiente institucional da produção de juta no estado do Pará entre as décadas de 1940 e 1990. **Cadernos CEPEC**, v. 9, n. 2, 2020.

SOUZA, José Camilo Ramos. **Parintins e Vila amazônica: Uma História de construção de vida urbana de imigrantes nipônicos**. 2011. In: HOMMA, Alfredo Kingo Oyama, et al. (Org.). Imigração Japonesa na Amazônia: contribuição na agricultura e vínculo com o desenvolvimento regional. Manaus: Edua, 2011.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TRISTAN, Daniela Rebelo Monte. **Trabalhadores da Tecejuta: Experiência Operária e construção da Memória numa Fábrica Textil no Oeste do Pará (Santarém, 1951 - 1990)**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2016.

WINKLERPRINS, Antoinette MGA. Jute cultivation in the lower Amazon, 1940–1990: an ethnographic account from Santarém, Pará, Brazil. **Journal of Historical Geography**, v. 32, n. 4, p. 818-838, 2006.

SILVAN, Denison. **Trabalhadores da Juta Amazônia: Trajetória de luta, suor e sofrimento**. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2018.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente, Proj. História, São Paulo, 1997.

#### **PERIODICO:**

PROGRAMA DA FESTA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO. **Tecejuta, Companhia de Fiação e Tecelagem de Juta**. Santarém, Pará: Gráfica Offset, 08 de dezembro de 1974.